

A última canafistula

Charles Kiefer

Canafistula, repetiu meu avô, batendo a mão espalmada contra a casca da árvore. Deve ter mais de trezentos anos, continuou. Olhei pra árvore, olhei pra ele. Eu jurava que ele era mais velho que ela. Gosto desta canafistula, ele disse. Olhou pra cima e ao redor, bateu outra vez na casca grossa e rugosa. Porque é a última, continuou. Deve ser muito triste, eu disse. O quê?, ele perguntou. O que deve ser triste? Ser a última, eu disse. É, ele respondeu. Levantou a cabeça, olhou pra cima; fez o mesmo. Não dava pra ver a copada. Deve ser frio lá em cima, eu disse. Melhor que aqui embaixo, ele retrucou, ao menos não fica sufocada. É, respondi e cheguei a sentir no rosto o ventinho bom que soprava lá em cima. Será que ela sabe?, perguntei. O quê, ele murmurou. Que é a última, respondi. Sabe, é claro que sabe, ele disse e alisou a casca da árvore. Saber é pior, dói mais.

Ficou quieto. Eu queria falar, puxar assunto, mas não conseguia: ele estava ali e não estava. De repente, vi uma lágrima, uma só, escorrendo pelo seu olho direito. Fingi não ver, ele aproveitou pra se enxugar. Entrou um cisco no meu olho, ele falou. Caiu da canafistula, eu disse. Viu só, agora você diz o nome dela certinho. É, eu respondi. Ele sorriu. Quantos dias eles vão levar pra chegar aqui?, eu perguntei. Uns três, com as motosserras em três dias eles vão conseguir derrubar todo o mato. Não quero ver, eu disse. O quê, ele perguntou. Não quero ver ela cair, expliquei. Eu também não, ele respondeu. Ficou em silêncio outra vez. Vamos dar um abraço nela, eu disse, de despedida? Vamos, ele retrucou. Abri os meus braços o mais que pude, mas não consegui alcançar os dedos de meu avô do outro lado. Não dá, ele disse. É muito grossa, respondi. Vamos, ele disse, já está escurecendo. Pegou a minha mão e me levou pra casa. Ele tinha a mão áspera e fria, como a casca da canafistula.

KIEFER, Charles. A última canafistula. In: _____. *Um outro olhar*. Mercado Aberto: Porto Alegre, 1992.

Canafistula, repeté mio nonno, battendo il palmo della mano contro la corteccia dell'albero. Avrà più di trecent'anni, continuò. Guardai l'albero, guardai lui. Avrei giurato che lui era più vecchio. Mi piace questa canafistula, disse. Guardò in cima e tutto attorno, batté un'altra volta sulla corteccia spessa e rugosa. Perché è l'ultima, continuò. Deve essere molto triste, dissi. Cosa?, domandò. Che cosa deve essere triste? Essere l'ultima, io dissi. Già, rispose. Alzò la testa e guardò verso la cima un'altra volta; feci lo stesso. Non si riusciva a vedere la chioma. Deve far freddo lassù in cima, dissi. Meglio che quaggiù, ribatté, così almeno non soffoca. Già, risposi, e mi parve di sentire sul viso il venticello buono che soffiava lassù. Lo saprà?, domandai. Cosa?, mormorò. Che è l'ultima, risposi. Lo sa, certo che lo sa, disse, e accarezzò la corteccia dell'albero. Saperlo è peggio, fa più male.

Tacque. Volevo parlare, riattaccare discorso, ma non ci riuscivo: mio nonno era lì ma non c'era. Improvvisamente vidi una lacrima, una sola, che gli scorreva dall'occhio destro. Feci finta di non vederla, lui ne approfittò per asciugarsela. Mi è entrato un bruscio nell'occhio, disse. È caduto dalla canafistula, dissi io. Vedi, ora riesci a dire il suo nome perbenino. Già, risposi. Lui sorrise. Quanti giorni ci metteranno per arrivare qui?, domandai. Circa tre, con le motoseghe in tre giorni riusciranno ad abbattere tutto il bosco. Non voglio vedere, dissi. Cosa?, domandò. Non voglio vederla cadere, spiegai. Neanch'io, rispose. Rimase in silenzio un'altra volta. Che ne dici di darle un abbraccio di congedo?, dissi. Va bene, ribatté. Aprii le braccia quanto potei, ma non riuscii a raggiungere le dita di mio nonno dall'altra parte. Non ce la faccio, disse. È troppo grossa, risposi. Andiamo, disse, già si fa sera. Mi prese per mano e mi portò a casa. Aveva la mano ruvida e fredda, come la corteccia della Canafistula.

Versão: Janisa Scomazzon Antoniazzi, sob orientação da Prof^a. Susana Termignoni.